

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

EDIVALDO LOURIVAL MAMPUCHE

**A ARTE E TÉCNICA DA PINTURA CORPORAL DO POVO
*IRANTXE/MANOKI***

**Barra do Bugres
2016**

EDIVALDO LOURIVAL MAMPUCHE

**A ARTE E TÉCNICA DA PINTURA CORPORAL DO POVO
*IRANTXE/MANOKI***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Ciências Matemáticas e da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Adailton Alves da Silva

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

M265a MAMPUCHE, Edivaldo Lourival.

A arte e técnica da pintura corporal do Povo *Irantxe/Manoki* /
Edivaldo Lourival Mampuche. – Barra do Bugres, 2016.

41 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação
Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena,
Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso,
2016.

Orientador: Prof. Dr. Adailton Alves da Silva.

1. Povo *Manoki*. 2. Pinturas Corporais. 3. Memória. I. Silva, A. A.
da, Dr. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

EDIVALDO LOURIVAL MAMPUCHE

A ARTE E TÉCNICA DA PINTURA CORPORAL DO POVO *IRANTXE/MANOKI*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Matemáticas e da Natureza.

Barra do Bugres, 26 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva
Professor orientador

Prof. Me. Ivanildo Monteiro
Professor Avaliador

Prof. Dr. João Severino Filho
Professor Avaliador

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu povo *Irantxe/Manoki*, especialmente, a comunidade da Aldeia Cravari do município de Brasnorte-MT, pelo apoio e incentivo durante a minha caminhada.

Em especial, ao meu vô Inácio e vó Angélica, meus pais: Lourenço Inácio Janaxi e Maria Angelina Kamuntsi, meus filhos: Patiara Inês Kutitsi, Ewaldison Lourival Janãxi, Dinivaldo Lourival Tamuxi, Yudi Krixí Mampuche, Enzo Gabriel dos Santos Mampuche, por ser fonte de inspiração e motivo pelo qual decidi lutar.

Dedico também a todos os anciões do meu povo *Manoki*, aos professores que poderão usufruir deste trabalho, aos meus colegas, amigos e aos professores que passaram na Faculdade Indígena Intercultural, contribuindo muito para o meu aprendizado profissional.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao *Inuli Nahy* (homem sábio/bom), é como se fosse Deus para as diversas religiões, um espírito que protege o povo trazendo muita fartura, educação, respeito, coletividade e acima de tudo a união. Esteve presente em todos os momentos da minha caminhada durante que estive cursando a graduação.

Agradeço a toda à equipe que trabalhou na Unemat na Faculdade Intercultural Indígena, em Barra do Bugres-MT, pessoas especiais que podemos contar sempre, pois, realmente debate, defende e trabalha na perspectiva de uma educação Escolar Indígena de qualidade, específica e diferenciada.

Agradeço a minha comunidade por acreditar no meu potencial e depositar grande confiança de poder sair da aldeia e buscar o conhecimento em uma Faculdade, com objetivo de voltar para a escola da aldeia e preparar o povo através do conhecimento adquirido na escola.

Agradeço ao meu primo João Paulo Kayoli que colaborou com a sua criatividade em fazer desenhos das pinturas corporais, proporcionando a garantia do meu sucesso e registros para futuras gerações.

Agradeço, também, a FUNAI-Regional de Juína-MT, que tem sido parceira na logística de transporte, ajuda financeira para os acadêmicos indígenas, possibilitando a participação efetiva dos cursistas durante as etapas de 2011 à 2016.

RESUMO

Esta pesquisa proporciona uma reflexão sobre a manutenção da cultura do povo *Manoki* em relação às pinturas corporais e ao processo de apropriação com segurança dessas manifestações culturais e a simbologia entre os *Manoki*, um povo do tronco linguístico isolado que vive ao noroeste de Mato Grosso. A pesquisa foi desenvolvida juntamente com os anciões da nossa comunidade e trará novos horizontes e novas descobertas tanto para os professores indígenas deste povo como para os alunos, pois aumentará o nível de conhecimento no que diz respeito às pinturas corporais. Por meio deste trabalho, ficou evidenciado a relação de respeito com os animais, a natureza, concepções sobre tempo e a forma de organizar rituais. O estudo, contribui, também, com informações necessárias e precisas para que os ensinamentos e conhecimentos dos anciões *Manoki* não fiquem apenas na memória. Além do mais, os jovens *Manoki* poderão usufruir com propriedade desses conhecimentos, proporcionando muitas transformações em seu mundo e a responsabilidade de manter a cultura do seu povo viva.

Palavras-chave: *Manoki*; Pinturas Corporais; Memória

RESUMO NA LÍNGUA MANOKI

Mokooli jãli Manoki ñpjanamapi jany kapy, kanoi kapy, ñpjanamapi namykulapasi mijakulapasi namy mipju mija mipju, wanamtjali katãtiri, jany kapy kanoi kapy, ñpjunamapi mopai tãtjai. Mekao anjamapi manoki any jany, kanoi, tãnamapi jãja`a tãnkjukjehy namakulapasi kinã, mijakulapasi kinã. Watjuholi wapanjãmã ñpjunamapi, are`i kixotukikja any ajawakjeroni.

Palavras-chave: Manoki; Mÿky Tãpjakikja; Mije`i

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Pintura de Quati.....	18
Figura 2 –	Pintura de jacarezinho	19
Figura 3 –	Pintura de Tamanduá Bandeira	20
Figura 4 –	Pintura de caçador	21
Figura 5 –	Pintura de arco-íris	22
Figura 6 –	Pintura de menina moça	23
Figura 7 –	Pintura de mulher	24
Figura 8 –	Pintura de dança	25
Figura 9 –	Pintura de Guerra	26
Figura 10 –	Pintura de roça.....	27
Figura 11 –	Pintura de Manoki	28
Figura 12 –	Pintura de proteção.....	29
Figura 13 –	Pintura de espírito	30
Figura 14 –	Pintura de calanguinho	31
Figura 15 –	Pintura de onça.....	32
Figura 16 –	Pintura de Cobra de Cajueiro	33
Figura 17 –	Pintura de cobra jararaca.....	34
Figura 18 –	Pintura de Tamanduá Mirim	35
Figura 19 –	Pintura de Cesto	36
Figura 20 –	Pintura da oca.....	37
Figura 21 –	Pintura de porco do mato	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – HISTÓRICO DO POVO IRANTXE/MANOKI.....	12
1.1 Sobre o Idioma Tradicional Irantxe/Manoki.....	12
1.2 O Massacre do Córrego Tapuru	13
CAPÍTULO II – A PINTURA CORPORAL IRANTXE/MANOKI	15
2.1 Origem das pinturas corporais do povo Irantxe/Manoki	15
2.2 Preparo das Tintas.....	16
2.2.1 Pintura do quati (<i>kewjã tãpjaxi</i>).....	17
2.2.2 Pintura de jacarezinho (<i>Atsi tãpjaxi</i>).....	18
2.2.3 Pintura do tamanduá bandeira (<i>Xiki tãpjaxi</i>)	19
2.2.4 Pintura de caçador - (<i>ĩpjá johpja</i>)	20
2.2.5 Pintura de Arco-Íris - (<i>Ahja tãpjakje'i</i>).....	21
2.2.6 Pintura da menina moça - (<i>Namykjulapa ĩpjakje'i</i>)	22
2.2.7 Pintura de mulher - (<i>Namy ĩpjakje'i</i>)	23
2.2.8 Pintura de dança - (<i>ĩpja ulanãkje'i</i>)	24
2.2.9 Pintura de guerra - (<i>ĩpja jalapakje'i</i>)	25
2.2.10 Pintura de roça - (<i>ĩpja mopainpja manãnjũ</i>).....	26
2.2.11 Pintura de Manoki - (<i>Manoki tãpjaxi</i>)	27
2.2.12 Pintura de proteção - (<i>Ĩpja mjehy</i>)	28
2.2.13 Pintura de espírito - (<i>Ĩpja o'u</i>).....	29
2.2.14 Pintura de calanguinho - (<i>Kalõxi tãpjaxi</i>).....	31
2.2.15 Pintura da Onça - (<i>Junã kjalakxi</i>).....	31
2.2.16 Pintura de cobra de cajueiro - (<i>ĩwĩjupá Tãpjaxi</i>)	32
2.2.17 Pintura de cobra jararaca – (<i>Kjãkalihpjali ĩpjali</i>)	33
2.2.18 Pintura de tamanduá mirim - (<i>Waliwihpja ĩpjaky</i>)	34
2.2.19 Pintura de cesto - (<i>Pyrimijã tãpjaxi</i>)	35
2.2.20 Pintura da oca (<i>Inĩmija tãpjaxi</i>).....	36
2.2.21 Pintura do porco (<i>Mojama Tãpjaxi</i>).....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	40
CONSULTORES NATIVOS.....	40

INTRODUÇÃO

Percebendo que as pinturas corporais estavam ficando cada vez mais no esquecimento e sem uso adequado pelos jovens, percebi a necessidade de registrar, entender a simbologia e de como usar de forma correta nas manifestações culturais do povo *Manoki*.

Com essa pesquisa, novas descobertas aparecem como: regras de uso, técnica de elaboração e significado espiritual e passa a ser um conhecimento frequente entre os jovens e, conseqüentemente, fortalecerá a sua cultura. Diante desses aspectos sociais e culturais, as pinturas corporais têm fundamental importância para inúmeras explicações e direções de vida e, nesse sentido, este trabalho de pesquisa tem sua relevância em união, coletividade, festas e rituais para o povo *Manoki*.

Dessa forma, o objetivo geral foi registrar/sistematizar o processo de elaboração e uso das pinturas corporais do povo *Irantxe/Manoki*, visando fortalecer cada vez mais a cultura e o significado simbólico das pinturas corporais.

Neste trabalho de pesquisa, pretendo registrar a arte e a técnica das pinturas corporais, identificando as pinturas corporais masculinas e femininas, a partir da visão e conhecimentos dos anciões e da relação dos *Manoki* com a natureza.

Pretendo, ainda, que haja mais interação entre os jovens indígenas *Manoki* e as aldeias, proporcionando maior interesse na busca do conhecimento das histórias do povo *Manoki*, melhorar a autoestima e permitir a revitalização e a manutenção da tradição cultural deste povo, por meio destas pinturas.

O presente trabalho foi desenvolvido na da Terra Indígena *Irantxe* com a participação dos anciões *Manoki*. A pesquisa foi realizada, principalmente, na aldeia Cravari com dois anciões, moradores da aldeia, conhecidos pela simpatia de “vó Angélica e vô Inácio”. Precisei, também, do Manoel Kanuxi que é cacique geral e mora na aldeia Asa Branca para me ajudar na escrita de algumas palavras no idioma e narração do mito de origem das pinturas corporais.

Realizei uma pesquisa de campo e entrevistas com os anciões que foram cuidadosamente anotadas no caderno e, algumas vezes, foram feitas gravações em celular. Esses registros das falas e gravações proporcionaram o conhecimento da “Arte e Técnica das pinturas corporais do povo *Manoki*” e tudo o que diz respeito às tradições do povo em relação às pinturas. Um marco histórico para o *Manoki* nessa última década, onde a realização de festas tradicionais, rituais sagrados, cantos e danças, confecções de artesanatos e pinturas corporais começam a ser frequentes na organização social do povo, passando a ser valorizado

no dia-a-dia e visto como uma fonte de riqueza, sabedoria, beleza e identidade para os *Manoki*.

A participação nos jogos indígenas que reunia muitos povos indígenas de todo Brasil contribuiu muito para a afirmação e resgate cultural, a confecção de artesanatos, pinturas corporais e colares foram os aspectos mais realçados na cultura, além da furação do nariz dos meninos ou homens para o uso do *xirety* (adorno nasal).

O interesse em aprofundar neste trabalho de pesquisa sobre a “Arte e Técnica das pinturas corporais do povo *Manoki*” é devido ao TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado no Magistério Intercultural Indígena no Projeto Hayô¹, em 2010 como tema: “Pinturas corporais do povo *Manoki*”.

A pesquisa possibilitará, também, o entendimento sobre as pinturas corporais, a sua origem, por qual sexo pode ser usada, quando é usada, se é permitida para crianças ou para adultos, se qualquer pessoa pode fazer a pintura, como se faz o preparo das tintas, enfim. Além disso, as pinturas corporais, em forma de registro, será um recurso didático excelente para o ensino em sala de aula do meu povo.

¹O Projeto Hayô teve como objetivo habilitar professores indígenas em ensino médio (magistério). Os pólos onde se realizou as etapas foram: Juína, Sangradouro, Campinápolis, Leonardo Villas Boas e Pavuru (ambas na região do Xingu). Haiyô é uma palavra do idioma Nambikwara que quer dizer; tudo de bom, eu quero aprender.

CAPÍTULO I – HISTÓRICO DO POVO IRANTXE/MANOKI

O povo Irantxe se autodenomina *Manoki*² e habita a região noroeste do estado de Mato Grosso, no município de Brasnorte. Sua área atual abrange 45.555,95 hectares e sua vegetação é de cerrado. Atualmente os *Irantxe/Manoki* estão aguardando a resolução do processo que envolve a homologação de uma parte de seu território tradicional (205.000 hectares) que faz divisa com a sua área atual e está *sub judice*.

As primeiras referências aos *Irantxe* datam em 1907 e foram registradas pela Comissão Rondon³. Em meados da década de 40, uma população de aproximadamente 1000 pessoas foi reduzida para 52 pessoas, em sua maioria masculina, por um massacre cometido por seringueiros e, mais tarde, por conflitos com povos vizinhos (*Tapayuna e Rikbaktsa*) e também pelas consequências das doenças, uma delas o sarampo. Os *Irantxe* em busca de proteção se dirigiram para a missão de Utiariti⁴ em sua maioria.

O povo *Irantxe/Manoki* reside atualmente na Terra Indígena *Irantxe*, dividida da seguinte forma: duas aldeias maiores, Paredão com 105 pessoas, Cravari com 145 pessoas e as demais são menores, Asa Branca com 14 pessoas, Recanto do Alípio com 17 pessoas, Perdiz com 38 pessoas, 12 de Outubro com 09 pessoas e 13 de Maio com 30 pessoas, totalizando uma população de 358 pessoas⁵.

Nos últimos anos, a população tem se mantido estável, algumas mortes, nascimentos, casamentos interétnicos que fizeram as pessoas saírem das aldeias do povo *Irantxe/Manoki* e morar em outras, em sua maioria do sexo feminino.

1.1 Sobre o idioma tradicional Irantxe/Manoki

O idioma do povo *Irantxe/Manoki* pertence a um tronco linguístico isolado, já que não possui proximidade com outras línguas indígenas brasileiras. Atualmente contamos com os seguintes falantes da língua materna: Alonso Irawali de 93 anos, Luiz Tamuxi de 80 anos, José Paulo da Silva de 69 anos, Inácio Kayoli de 94 anos, Maria Angélica Kamuntsi de 95

² Manoki, na língua materna do Povo Irantxe significa a pessoa que faz parte do mesmo grupo ou Povo.

³ Baseado em informações fornecidas pelos índios Paresi, Rondon relatou um massacre realizado por seringalistas (no contexto da expansão econômica impulsionada pelo ciclo da borracha em Mato Grosso) na aldeia Tapuru, adjacente a um córrego de mesmo nome (Pereira e Moura, 1975, p.1).

⁴ Utiariti é o nome pelo qual é conhecido regionalmente o salto que existe próximo ao local em que foi construída uma estação da linha telegráfica de Rondon de mesmo nome. Por esse motivo normalmente também se refere ao internato construído nas imediações da cachoeira como “Utiariti” ou “colégio dos padres”.

⁵ Dados do censo 2015: Enfª Priscila Ferreira Cunha e Téc. Enfª Francieli Yamamoto Florencio.

anos, Regina Jalapojtasi de 58 anos, Miguel Warakuli de 62 anos, Domitila Nanci Irantxe de 73 anos, Vito Warakuxi de 73 anos, Elias Xinuxi Irantxe de 62 anos, Manoel Kanunxi de 62 anos, Sebastião Jamaixi de 86 anos (*In memorian*), Celso Xinuxi de 69 anos, Lourenço Inácio Janãxi de 46 anos, sendo assim temos 03 mulheres e 10 homens falantes, temos ainda pessoas que entendem toda a fala no idioma, mas não são falantes.

Em relação o uso da língua *Irantxe/Manoki*, a nova geração não faz uso do idioma tradicional, devido, principalmente, aos casamentos interétnicos que tiveram quando regressaram da missão Anchieta em Utiariti e também pela intensificação das relações com a população regional.

Hoje, porém, se trabalha o idioma indígena *Irantxe/Manoki* com todos os alunos, os próprios professores da língua materna procuram pesquisar com os anciões e repassar os conhecimentos aos alunos na disciplina de língua materna e cultura, como uma forma de buscar a revitalização cultural e valorização da língua materna.

O povo *Myky*, considerado um grupo dos *Irantxe/Manoki* que se afastou em razão de um massacre comandado por seringueiros no início do século XX, tem uma população aproximada de 136 pessoas, dentre as quais, praticamente, todas são falantes da mesma língua indígena falada pelos *Manoki*.

1.2 O massacre do córrego Tapuru

O primeiro encontro foi trágico. Deu-se por volta do ano de 1900, quando seringueiros, sob o comando de Domingos Antônio Pinto, promoveram um massacre da população de uma das aldeias *Manoki* no córrego Tapuru, afluente da margem direita do rio Cravari, segundo relata Rondon:

Nada se deve temer da índole pacífica e até mesmo tímida dos Iranche. Mas apesar disso, o truculento seringueiro entendeu que era necessário expeli-lo das proximidades do ponto em que estabelecera; e como por ali existisse uma aldeia, assentou dar-lhe cerco, com o auxílio dos camaradas todos armados de carabinas. Pela madrugada, ao recomeçar a cotidiana labuta daquela misérrima população, a celerada emboscada rompeu fogo, abatendo os que primeiro saíram das casas para o terreiro. Os que não morreram logo, encerraram-se nas palhoças, na vã esperança de encontrarem aí abrigo contra a sanha de seus bárbaros e gratuitos inimigos. Estes porém já estavam exaltados pela vista do sangue das primeiras vítimas e nada os impedia de darem largas à sua fome de carnagem. Então, um deles, para melhor trucidar os misérrimos foragidos, resolveu trepar à coberta de um dos ranchos, praticar nela uma abertura e por esta, metendo o cano da carabina, foi visando e abatendo uma após a outra as pessoas que lá estavam, sem distinguir sexo nem idade. Acuados assim com tão execrável impiedade os índios acabaram tirando do próprio excesso do seu desespero a inspiração de um movimento de revolta: uma

flecha partiu, a primeira e única desferida em todo este sanguinoso drama, mas essa embebeu-se na glote do cruelíssimo atirador, que tombou sem vida. A só lembrança do que então se seguiu faz tremer de indignação e vergonha. Onde haverá alma de brasileiro que não vibre uníssona com a nossa, ao saber que toda aquela população, de homens, mulheres e crianças, morreu queimada, dentro de suas palhoças incendiadas (Rondon, 1946:88-89).

Max Schmidt (1942, p. 35) também faz referência a essa cruel matança, diversas vezes recontadas pelos índios. O segundo contato com os *Manoki*, registrado na historiografia conhecida, desta vez pacífico, deu-se em 1909 (Missão Rondon, 1916), no tempo da seca, quando um grupo deles foi encontrado caminhando por baixo da linha, nas proximidades da estação Utiariti, na margem direita do rio Papagaio. Comunicaram-se com os Paresi empregados da linha telegráfica e pediram ferramentas. Na ocasião, negaram-se a indicar a localização de suas malocas.

Entretanto, na história oral *Manoki* o primeiro encontro pacífico deu-se pouco antes da ida deste grupo para a linha telegráfica. Alguns anos após o massacre da aldeia do córrego Tapuru, um cacique *Manoki* que havia saído para caçar junto com seu filho, ao voltar para casa, encontrou quatro brancos na aldeia vazia. Os outros haviam fugido com medo. Este cacique ganhou ferramentas destes brancos, o que estimulou os outros do grupo a seguirem o rumo tomado por aqueles brancos até perto da estação telegráfica de Utiariti, em 1909. Desta data até 1932, grupos *Manoki* acostumaram-se a esporadicamente visitar a estação de Utiariti, sempre à procura de ferramentas de aço e sem revelarem o local exato de suas aldeias. A partir de 1932, eles não mais foram vistos.

Ironicamente, a linha telegráfica tornou-se obsoleta no momento em que foi concluída, com o nascimento da radiotelegrafia em 1922. Tendo sido abandonado após a retirada da Comissão Rondon, esse espaço geográfico e ideológico propiciado pela abertura da linha passou a ser ocupado pelos jesuítas, cuja atuação foi marcante no processo de intermediação entre os povos indígenas da região e a sociedade nacional e, em especial, no caso dos *Manoki*.⁶

6 Rinaldo S.V. Arruda, Disponível em <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/iranxe-manoki/1321>> Acessado em 31 de Julho de 2015 às 10h23min.

CAPÍTULO II – A PINTURA CORPORAL IRANTXE/MANOKI

2.1 Origem das pinturas corporais do povo Irantxe/Manoki

Antigamente *os Irantxe/Manoki* não tinham pinturas em seus corpos, andavam nus e usavam colares em suas cinturas. Os homens usavam colares de coco de tucum e as mulheres colares feitos de semente de tiririca. Após saírem da pedra⁷ (Mitologia de origem do povo), olharam para a natureza de uma forma diferente, conseguiram ver nela o abrigo, sustentabilidade, acreditaram em seu poder e a tiveram como aliado, pois acreditavam em obter tudo o que dela necessitassem, acreditando nos encantos da floresta, pois nela moram os espíritos bons e ruins, as almas boas que protegem o povo.

Nas histórias narradas por um ancião *Manoki* sempre fica claro que os animais eram pessoas, só passaram a ter a forma de animal a partir do momento que aconteceu algo. Vou fazer uma breve narração de uma história para que possa ser entendida melhor.

“Em nossa língua, chamamos o jacaré de *Txiwakali*. Este homem morava na aldeia com sua esposa e seu cunhado. Quando saía para pescar sempre pegava muito peixe, quando seu cunhado ia não pegava nada. Certo dia, o cunhado incomodado resolve ficar escondido e esperar o jacaré ir pescar para descobrir como ele fazia para pegar muito peixe. Na beira do rio ouviu:

_ Ai, ai, ai!

O cunhado foi se aproximando devagar pelas costas do jacaré, viu que ele cortava partes de sua coxa, braços e jogava na água, estes transformavam em peixes que ele matava.

Vendo isso, o cunhado disse:

_ Cunhado, o que você está fazendo?

O jacaré caiu na água, transformando-se em jacaré que conhecemos hoje, por isso, ele quase não tem carne em suas coxas e braços.

Podemos dizer então que todos os animais eram gente, por isso, o respeito com animais é de fundamental importância para garantir a sua espécie e, conseqüentemente, servir de alimento para o povo sem matar em excesso e sem necessidade.

Nessa época, em que todos os animais eram pessoas, é que o rei da selva, *Junali* (onça) revoltado, resolve fazer uma grande festa para se vingar dos animais. Ele convidou todos para esta grande festa na floresta. Os *Manoki* foram convidados e aceitaram o convite.

⁷ Todos os povos Indígenas moravam dentro de uma pedra mitológica inclusive os não - indígena, primeiro saiu desta pedra o Povo Manoki e depois os demais povos e por último os kewa (brancos).

Na medida em que os animais iam chegando, os *Manoki* ficavam de longe só observando e admirando as belezas das pinturas dos animais que traziam em seus corpos.

Quando terminou a festa e os *Manoki* voltaram para as suas casas, começaram a relembrar as pinturas que tinham visto na festa e conseguiram lembrar apenas de alguns como: quati, jacarezinho, onça, cobra de cajueiro, calango pequeno, tamanduá bandeira, cobra jararaca, tamanduá mirim e outros.

As mulheres, por sua vez, vendo todos os homens com seus corpos pintados, bonitos, ficaram muito tristes, pois não possuíam nenhuma pintura em seu corpo, os homens não conseguiram lembrar nenhuma pintura feminina. Aí *Inuli Nahy*, “Homem bom, sábio”, sentiu pena das mulheres ao vê-las muito tristes, então resolveu colocar um arco-íris no céu para que elas pudessem se animar e inspirar em alguma pintura. Então copiaram esta pintura que é a de arco-íris e, a partir desse dia, começaram a surgir outras pinturas masculinas e femininas como, a do caçador, da menina moça, pintura de roça, do povo *Manoki*, pintura de proteção e pintura para trabalhar com *Jeta* (os espíritos), num ritual sagrado”.

Hoje muitos jovens com suas criatividade conseguem, a partir da observação na manifestação cultural, criar novas pinturas. Isso demonstra o quanto a cultura é dinâmica, apesar de muitos pensarem que enfraquece culturalmente o povo, pelo contrário, fortalece ainda mais o povo no que diz respeito às pinturas corporais.

Nesse sentido, então, posso relatar a pintura da oca que é uma observação da casa como um marco importante para a realização de um ritual, a pintura do porco do mato que também foi criada depois dos jovens ouvirem o canto do mesmo com os mais velhos. Assim passaram a cantar e se pintar todo de preto com uma faixa branca que vai do pescoço a altura do tórax, assim como um porco. Temos ainda a pintura do *Pyry* (cesto) surgida na nova geração, a partir da observação das tranças do talo de buriti, cesto que serve para buscar lenha na mata e buscar alimentos da roça.

2.2 Preparo das tintas

Para preparar a tinta e fazer as pinturas corporais é necessário ter o *kano'i*⁸ (urucum), carvão, *látex* da árvore angélica, conhecido como leitero e tem o nome no idioma de *mãpuakje*, jenipapo do brejo (janã). O *látex* da árvore angélica era usada para dar um efeito de brilho e fixar a pintura no corpo.

⁸ Kano'i - nome do urucum no idioma do Povo Manoki.

Hoje utilizamos o jenipapo que todos conhecem. Ele possui um líquido que, ao passar no corpo, fica preto por uns 10 a 15 dias. Para fazer o preparo da tinta, deve ralar o jenipapo com semente até obter uma boa quantia, depois é só colocar num pano bem fino e espremer para obter apenas o líquido. Em seguida, acrescenta-se o carvão em forma de pó para que ela fique preto na hora que estiver fazendo a pintura.

Já o urucum deve ser usado quando ele está novo ainda no pé ou deve ser coletado quando estiver seco, armazena somente as sementes em recipiente para ser usado em época que ele não pode ser encontrado.

2.2.1 Pintura do quati (*kewjã tãpjaxi*)

A pintura do quati é usada no corpo masculino, seja ele homem⁹ ou criança, tem o corpo pintado de cor vermelha do urucum e a cor preta do carvão. Esta pintura é usada para apanhar frutas do campo como: jabuticaba, cajuzinho do campo, pequi etc. Com ela também pode coletar frutas em mata alta como: caju do mato, jatobá, pequi do mato, cumbaru entre outros.

Quando vão para a roça em um trabalho coletivo, também pode usar esta pintura que significa um trabalho em coletividade.

Os mais jovens não podem comer a carne do quati, dizem que logo aparenta mais idade e nascem os fios de cabelos brancos, então, só os anciões podem se alimentar deste animal.

Quando um homem tinha uma criança recém-nascida jamais deveria comer a carne do quati porque a barriga da criança podia doer ou sangrar o umbigo, devido ao alimento do quati que é o coró e a minhoca.

O quati também é conhecido como *opa mojama* (porco que fica em cima), porque fica nas árvores e quando está no chão fuça como o porco à procura de alimentos.

⁹ Para os Manoki “homem” significa um menino seja ele até com 10 ou 12 anos de idade que passou pelo ritual de batismo (Iniciação dos meninos) recebendo toda a educação e ensinamentos dos anciões, a partir daí está apto a construir uma família e a mantê-la.

Figura 1 – Pintura de quati

Fonte: João Paulo Kayoli, fev/2015.

2.2.2 Pintura de jacarezinho (*Atsi tãpjaxi*)

Jacarezinho é um animal que quando adulto mede uns 20 cm de comprimento, vive na mata e tem aparência com o jacaré, por isso é chamado de jacarezinho. Esta pintura é para homens, desce uma faixa preta da altura do ombro esquerdo até o peito e outra do ombro direito, nas bordas de preto se pinta de vermelho. Se a faixa for de cor vermelha a borda será

de cor preta. Esta pintura é usada nas festas tradicionais do povo *Irantxe/Manoki*, como dança de *yakuli*¹⁰ (cinco flautas), jogo de cabeça e outros.

Há restrições para mulheres gestantes e seu marido, como o jacarezinho faz sua casinha no chão e não sai de lá ficando com o rabo apenas na abertura, relaciona-se que a mulher ou o esposo se comer a sua carne, o seu bebê não nascerá logo. Só o jacarezinho macho tem a pintura, a fêmea não tem pintura e, por esse motivo, só os homens se pintam.

Figura 2 – Pintura de jacarezinho



Fonte: João Paulo Kayoli-fev/2016

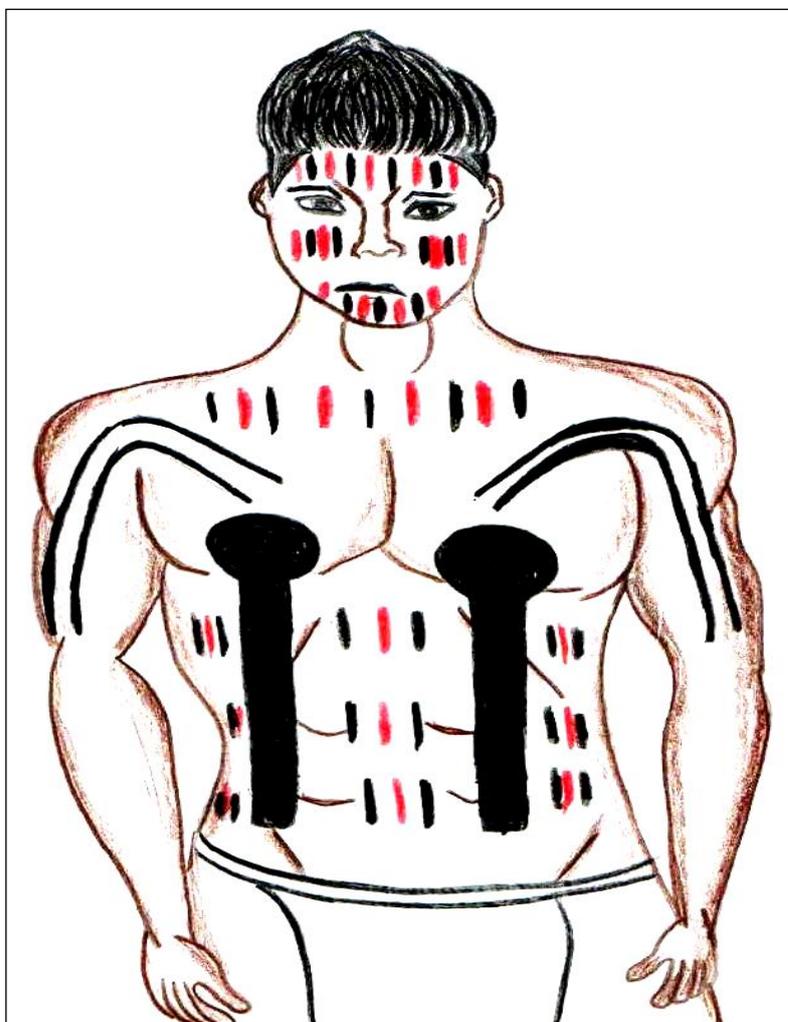
2.2.3 Pintura do tamanduá bandeira (*Xiki tãpjaxi*)

Pintura tradicionalmente usada pelos homens nas festas e para coletar formigas (tanajura). Só os mais velhos podiam comer a carne do tamanduá, se um jovem se alimentar

¹⁰*Jakuli* é uma dança que acompanha várias músicas durante a noite tocada em uma flauta pan de cinco taquaras, os homens tocam o instrumento acompanhado pelo canto das mulheres que seguram em seus braços, segundo o relato dos mais velhos, o homem deveria no dia seguinte caçar ou pescar para a sua companheira do ritual e esta pela manhã o banhavam, os quais, durante os dias da cerimônia, não eram seus respectivos maridos.

da carne ficará com dor de cabeça, sentirá muito sono e o jovem fica muito preguiçoso, além de envelhecer logo.

Figura 3 – Pintura de tamanduá bandeira



Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.4 Pintura de caçador - (*ĩpjá johpja*)

Pintura masculina feita para caçar e se proteger dos insetos e abelhas na mata. Serve para se proteger dos maus espíritos das florestas que pode seguir o caçador na mata. Alguns animais como anta, cutia, veado e porco fogem do caçador porque sentem o cheiro forte do urucum, nesse caso não deve se pintar de urucum quando for caçar esses animais. Os animais que podem ser caçados e não fogem do caçador, mesmo quando está pintado de urucum. são: macaco, jacu, pomba.

Figura 4 – Pintura de caçador

Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/2016

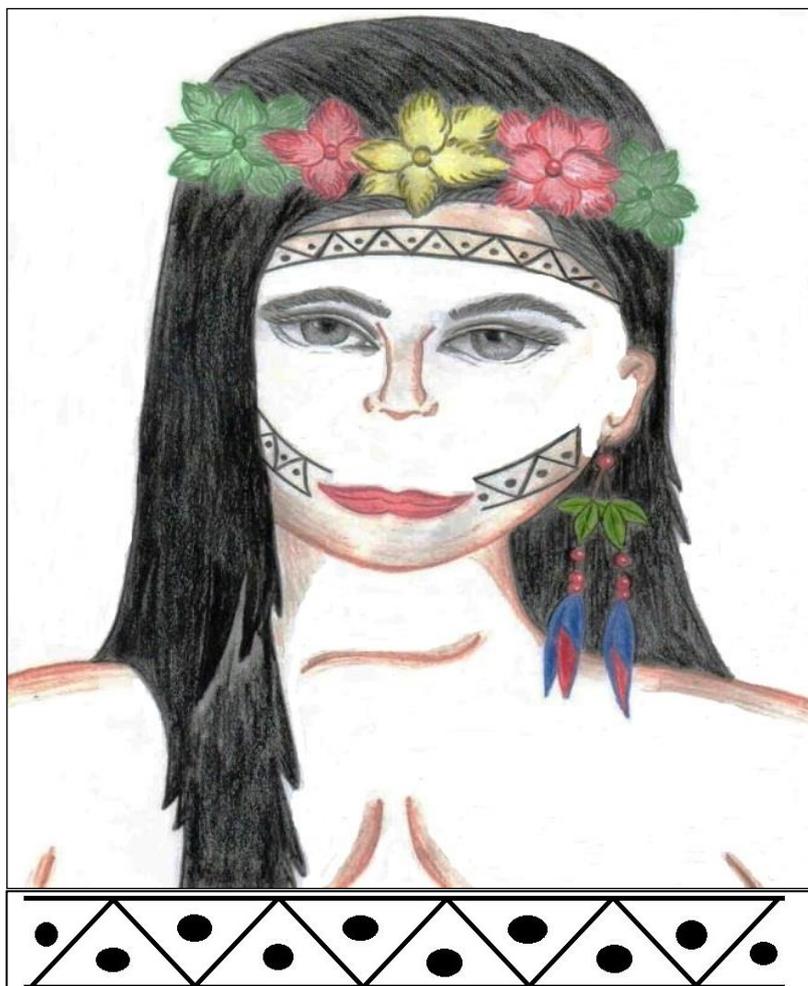
2.2.5 Pintura de arco-íris - (*Ahja tâpjakje'i*)

É uma pintura concebida por Deus, usada apenas por mulheres nas festas e danças de *Yakuli* (flauta de cinco taquaras), como também, para fazer trabalhos domésticos e preparar a chicha (bebida tradicional) de milho, mandioca, polvilho e beiju (comida típica).

Homens e mulheres não podiam mostrar o arco-íris, apontar com o dedo, pois podia ficar aleijado, ter reumatismo, sentir dor, ter câimbra. Culturalmente o povo *Manoki* acredita que o arco-íris para a chuva, chupa toda a água, então, os mais velhos sabem que não irá chover quando ele aparece no céu.

Quando o arco-íris aparece do lado onde o sol nasce, é motivo de alegria, vai acontecer coisa boa, mas quando aparece onde o sol se põe é sinal de agouro, pode acontecer algo que vai deixar o povo triste.

Figura 5 – Pintura de arco-íris



Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.6 Pintura da menina moça - (*Namykjulapa ĩpjakje'i*)

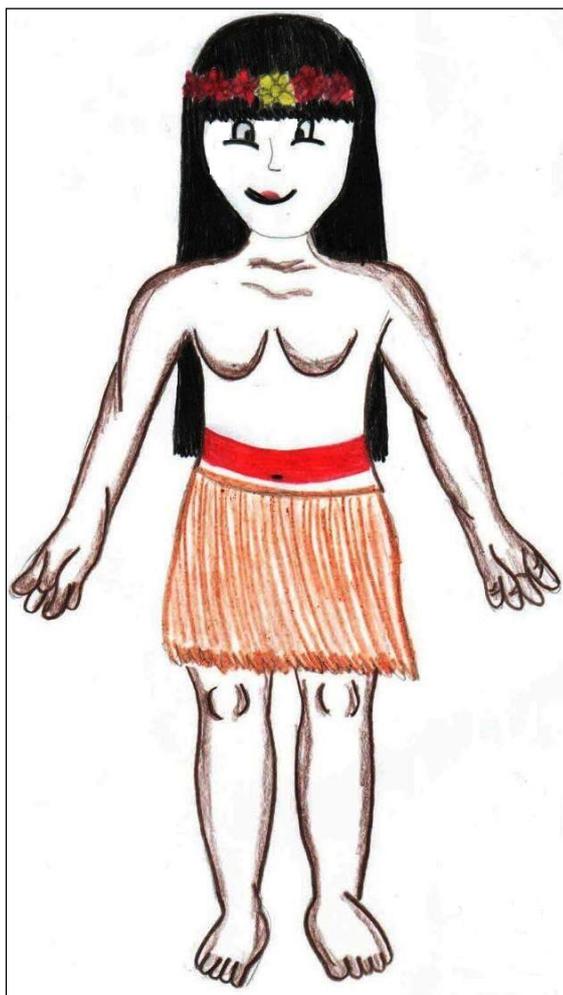
Esta pintura é feita na parte do abdômen da moça com o urucum, apenas as meninas que não tiveram a sua primeira menstruação podem ter esta pintura. Usa-se esta pintura para as festas tradicionais, nas danças e uso do dia-a-dia.

Neste tempo não podia beber bebidas quentes, não podia comer macaco, arara, matrinchã e quati, se ela comesse algum desses alimentos podia sangrar mais e não terminaria a sua menstruação no tempo certo.

Durante este período ela fazia suas necessidades no mato e enterrava, sempre acompanhada de sua mãe para não ser perseguidas pelos maus espíritos. A moça, nesse momento, ia preparando os seus mamilos, massageando para que os mesmos ficassem para fora e não ter problemas na hora de amamentar seu filho quando for mãe.

No último dia, às três horas da madrugada, a moça sai de casa e é levada para tomar banho no rio, logo em seguida, retorna a aldeia e é pintada de urucum pela sua mãe e vai dançar o *yakuli*¹¹ com o pessoal que já está dançando. A partir daí, recebe outra pintura que mostro a seguir.

Figura 6 – Pintura de menina moça



Fonte: João Paulo Kayoli - Fev de 2016

2.2.7 Pintura de mulher - (*Namy ĩpjakje'i*)

É uma pintura usada por mulheres que já passaram pela sua adolescência, tem o seu corpo inteiro pintado de vermelho, é usada nas danças do *yakuli*, acompanhadas dos homens. Durante a festa que durava um mês, a mulher dançava segurando nos braços do seu parceiro,

¹¹ *Yakuli* é uma dança que acompanha o *katětiri* (flauta de cinco taquaras), onde a mulher dança segurando o braço do homem que nos respectivos dias de festas não é o seu marido, este deveria caçar no dia seguinte para sua parceira de dança e ela deveria fazer os preparativos de alimentação até o término da festa.

este deveria, no dia seguinte, sair para caçar, tirar mel, pescar e trazer para a sua companheira como uma forma de pagamento.

A mulher também deveria preparar chicha de milho, beiju e deixar pronto para quando o marido chegasse da caçada ou pescaria. Nos dias de festa, as mulheres que dançavam segurando nos braços dos homens não eram seus respectivos maridos.

Figura 7 – Pintura de mulher



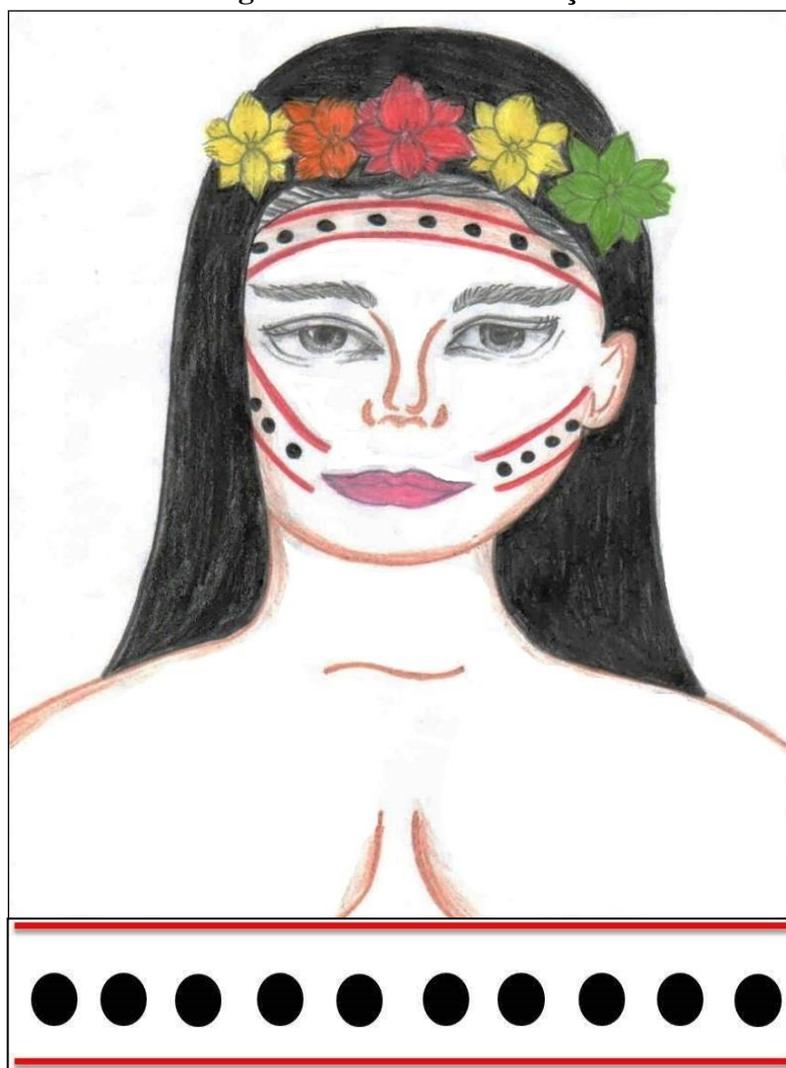
Fonte: João Paulo Kayoli - Fev de 2016

2.2.8 Pintura de dança - (*ĩpja ulanãkje'i*)

Esta pintura é apenas para as mulheres e moças. Elas se pintavam para participar de um ritual que durava o mês inteiro, onde todas as tardes se iniciava a dança do *yakuli*, que citei acima. Esta dança era acompanhada ao som de chocalho de pé e flauta de cinco taquaras

e durava a noite toda. Hoje as meninas, adolescentes e mulheres se pintam para fazer apresentações dentro e fora da aldeia.

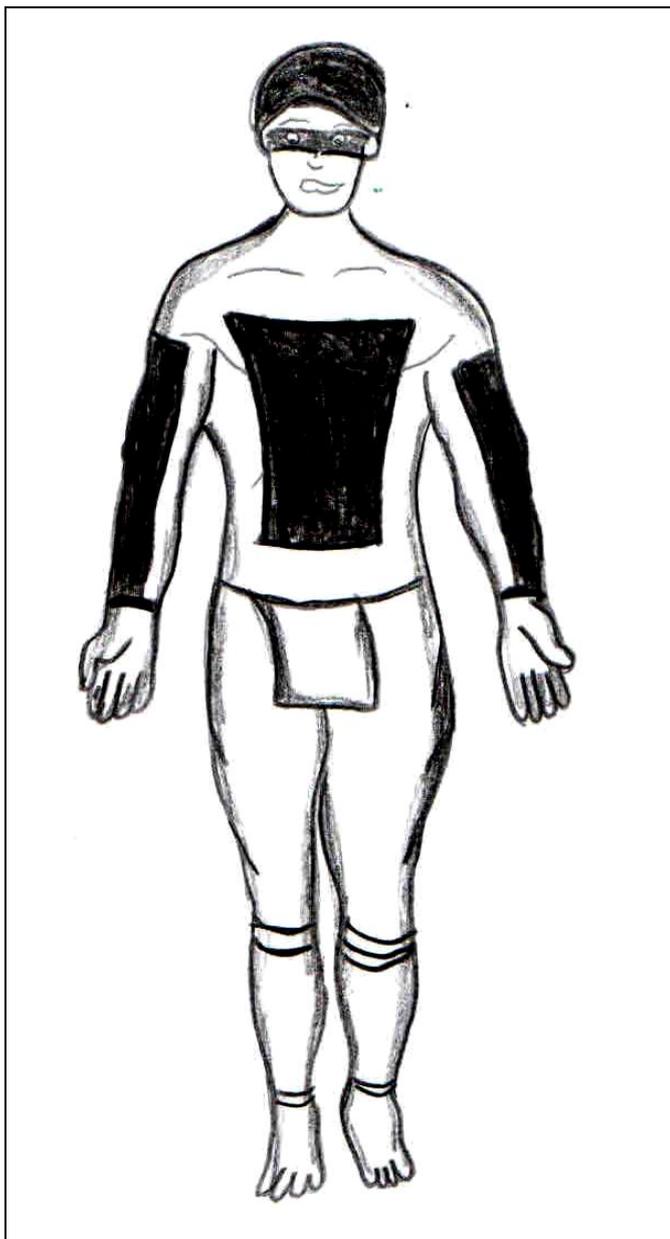
Figura 8 – Pintura de dança



Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.9 Pintura de guerra - (ĩpja jalapakje'i)

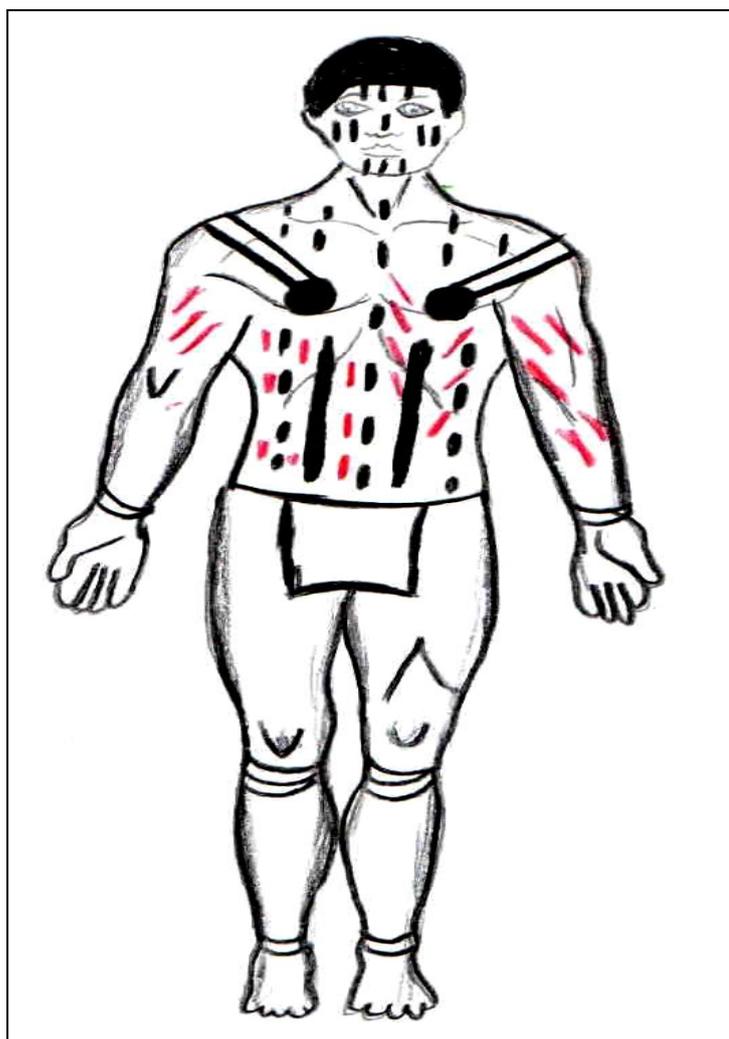
É uma pintura para o homem usar quando está em guerra ou quando está fazendo arco e flecha. O homem podia pintar desta maneira quando tinha conflito com alguém, se pintava desse jeito e ia à casa da pessoa com quem tinha problema e brigava com ela, não ficava falando do outro ou provocando apenas de longe. Depois da briga já estava tudo resolvido, não importava quem ia bater ou apanhar, assim estaria resolvido o problema

Figura 9 – Pintura de Guerra

Fonte João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.10 Pintura de roça - (*ĩpja mopainpja manãnjũ*)

Esta pintura serve para fazer trabalhos na roça como plantar, colher, tirar os brotos que árvores que vão sujando a roça. Os traços de urucum pintado no corpo servem para espantar os insetos que picam as pessoas, serve como repelente para o corpo, além de proteger dos maus espíritos que ao sentir cheiro do urucum vão embora. É uma pintura que também pode usar no dia-a-dia, apenas o homem se pinta.

Figura 10 – Pintura de roça

Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.11 Pintura de Manoki - (*Manoki tãpjaxi*)

É uma pintura para jovens do sexo masculino usada nas festas tradicionais, jogos de cabeça, visitas as outras aldeias e nos rituais sagrados. São riscos feitos na horizontal na testa usando o urucum sendo intercalados com a cor preta do carvão.

É uma pintura simples que a maioria dos mais velhos se pinta, com o uso do espelho facilita a pintura. Quando um velho se pinta, percebe que não precisa do outro para ajudar a se pintar, isso prova que cada um deve ser conhecedor das pinturas e pintar por si próprio. Se tiver apenas um que sabe as pinturas e este tem a missão de pintar todos seria uma perda de tempo ou não conseguiria pintar todos, assim em uma apresentação ou festas tradicionais não seria possível realizar devido à demora.

Figura 11 – Pintura de Manoki

Fonte: Desenho: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.12 Pintura de proteção - (Īpja mjehy)

Esta pintura é para criança recém-nascida, independente do sexo, tem o seu corpo inteiro pintado de urucum ou apenas na testa, braço, pernas e parte do abdômen para proteger dos maus espíritos e insetos.

A “vó” Angélica explicou que a criança não indígena quando nasce ou até mesmo indígenas nos dias atuais, as mães apenas enxugam a criança e vestem roupas. No passado a criança tinha o seu primeiro banho pós parto com ervas medicinais, logo em seguida, tinha o seu corpo pintado de urucum. Ela explicou que o urucum tem um cheiro muito forte e não

deixa os maus espíritos se aproximarem, pois não consegue sentir cheiro de criança nova e não persegue durante a noite.

Figura 12 – Pintura de proteção



Fonte: Dulcilene Inês Kutitsi, Abril/2016.

2.2.13 Pintura de espírito - (Ípja o'u)

É uma pintura somente para homens, é uma pintura sagrada usada no trabalho de roça com os yetá¹², na hora da roçada, derrubada e plantio. Quando se faz uma roça com a presença desses espíritos, todos que fazem parte do povo devem participar deste ritual, devem estar todos unidos e trabalhar coletivamente, ninguém pode estar brigado com alguém e durante estes trabalhos não pode, em hipótese alguma, haver um desentendimento ou

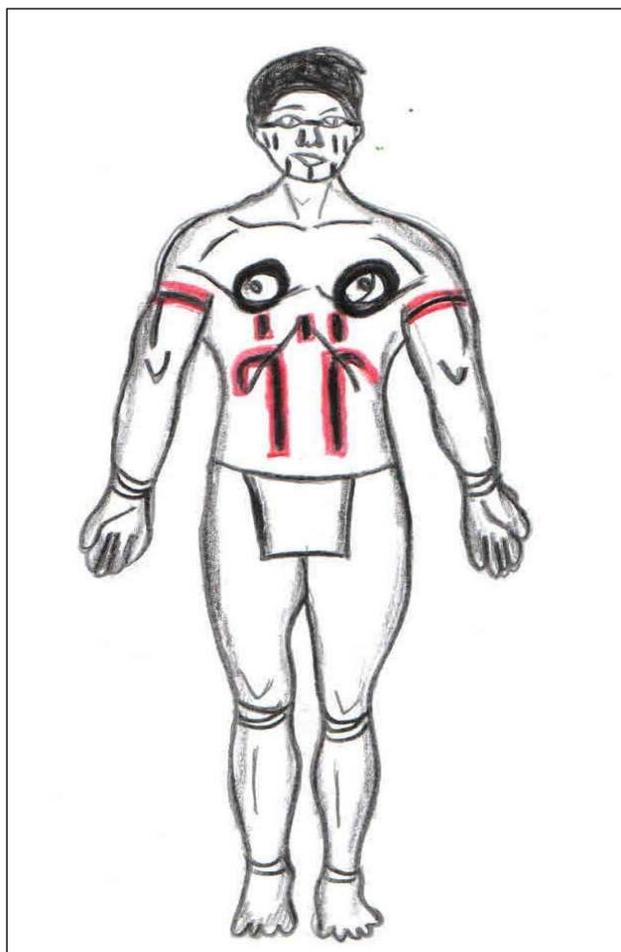
¹² Yetá; uma crença do povo Manoki, seguido de várias mitologias que os mesmos acreditam na presença de espíritos que protegem, trás união, abençoa a roça farta e sempre que caçam ou pescam devem fazer os oferecimentos em agradecimento pela caça e para manter em harmonia com esses espíritos e não ser castigados.

discussão entre homens ou mulheres, todos devem trabalhar felizes. Apenas os homens que já foram batizados¹³ culturalmente podem usar esta pintura, assim também como os jovens que passaram por esse processo. Aqueles que ainda não passaram pela iniciação de batismo não pode se pintar.

As mulheres nesse ritual participam preparando a alimentação dos homens que estão trabalhando na roça e também para o *yetá* (chamado de vizinho, bichinho, jararaca).

Na roça os alimentos são oferecidos primeiramente aos espíritos nos quais o povo acredita estar ali todos presentes, geralmente, lembram de todos que já faleceram mas que continuam presente no dia-a-dia de cada um.

Figura 13 – Pintura de espírito



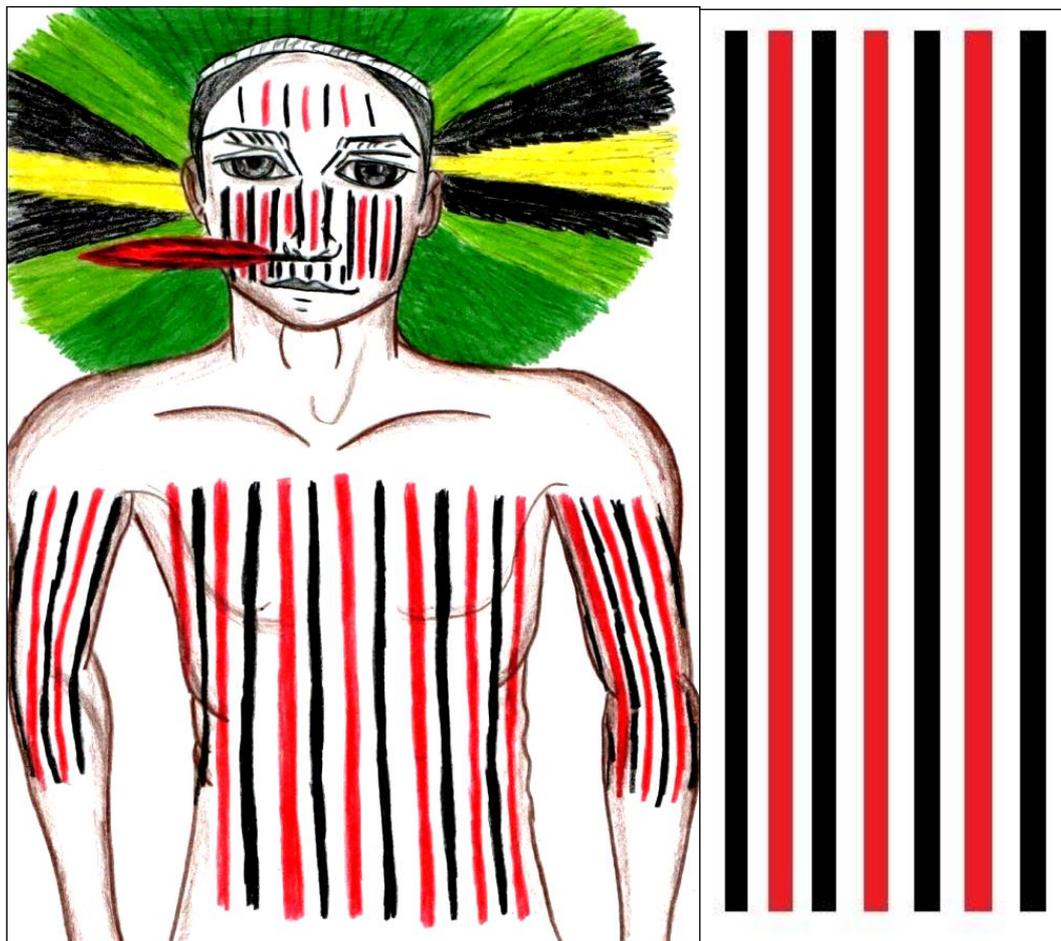
Desenho: João Paulo Kayoli – Fev/2016

¹³ Batizado; quando um menino de 10 ou 11 anos passa por um processo de reclusão, onde ficava um mês recebendo todos os ensinamentos, ouvindo histórias do povo e tendo uma educação tradicional, hoje em dia os meninos ficam apenas uma semana devido a presença da Escola dentro da Aldeia e todos estudam, ali ficam sem ver a mãe, a irmã, a avó e as tias, tem a presença dos colegas que são batizados e dos homens.

2.2.14 Pintura de calanguinho - (*Kalõxi tãpjaxi*)

Este calango é um réptil que é encontrado no campo, tem a cor verde e os anciões comiam quando o encontrava. Segundo eles, qualquer pessoa podia comer este calanguinho. É uma pintura que os homens usam em festas, comemorações, apresentações e em rituais do povo.

Figura 14 – Pintura de calanguinho



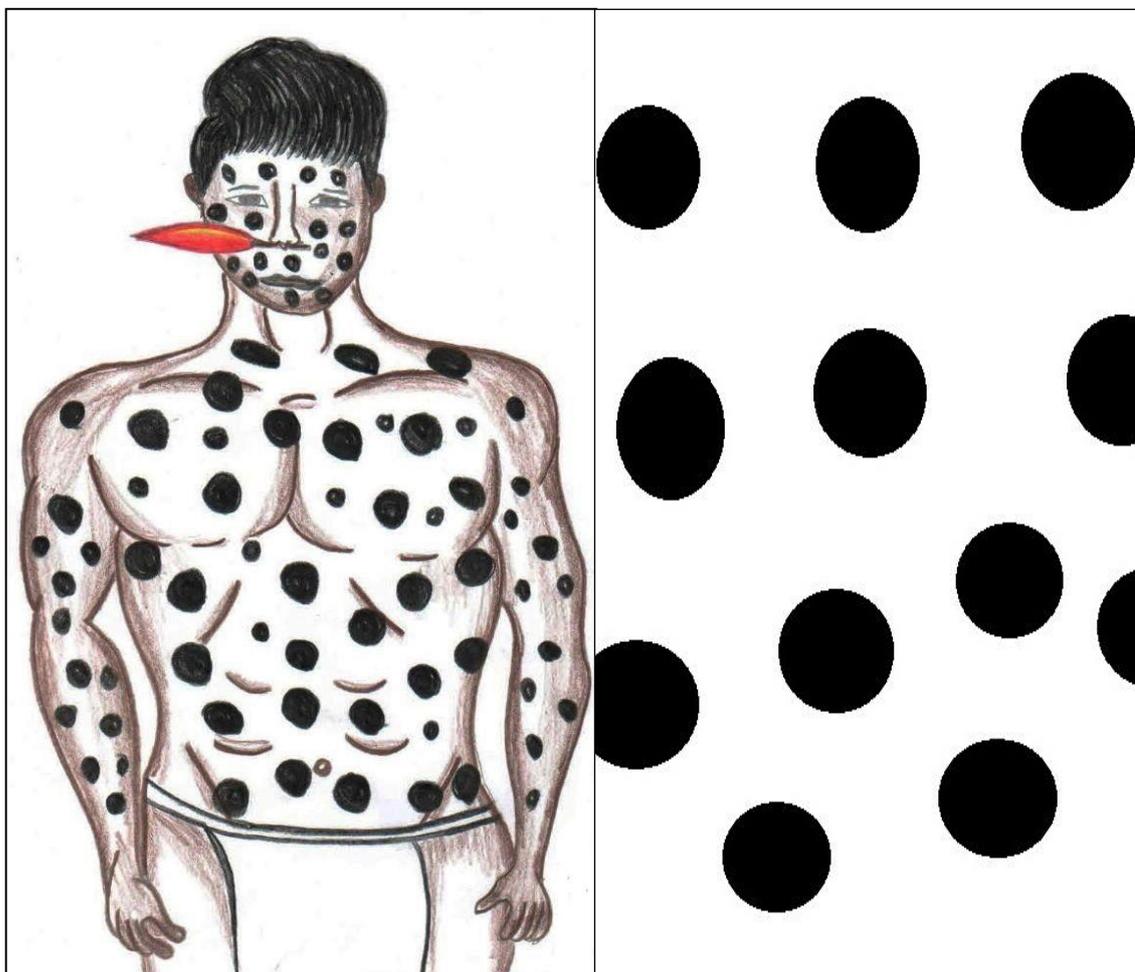
Desenho: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.15 Pintura da Onça - (*Junã kjalakxi*)

É uma pintura usada por homens para simbolizar que a pessoa está nervosas, usa-se também quando estão trabalhando na confecção de arco e flecha. Nós, do povo *Manoki*, não alimentamos da carne da onça, porque a onça pode perseguir durante as caçadas na mata. Outra explicação para não comer a carne dela é que pode não matar nada nas caçadas. Como

o cheiro da onça é muito forte, sai dos poros da pele do caçador e é percebido pelos animais que fogem ao sentir o cheiro.

Figura 15 – Pintura de onça

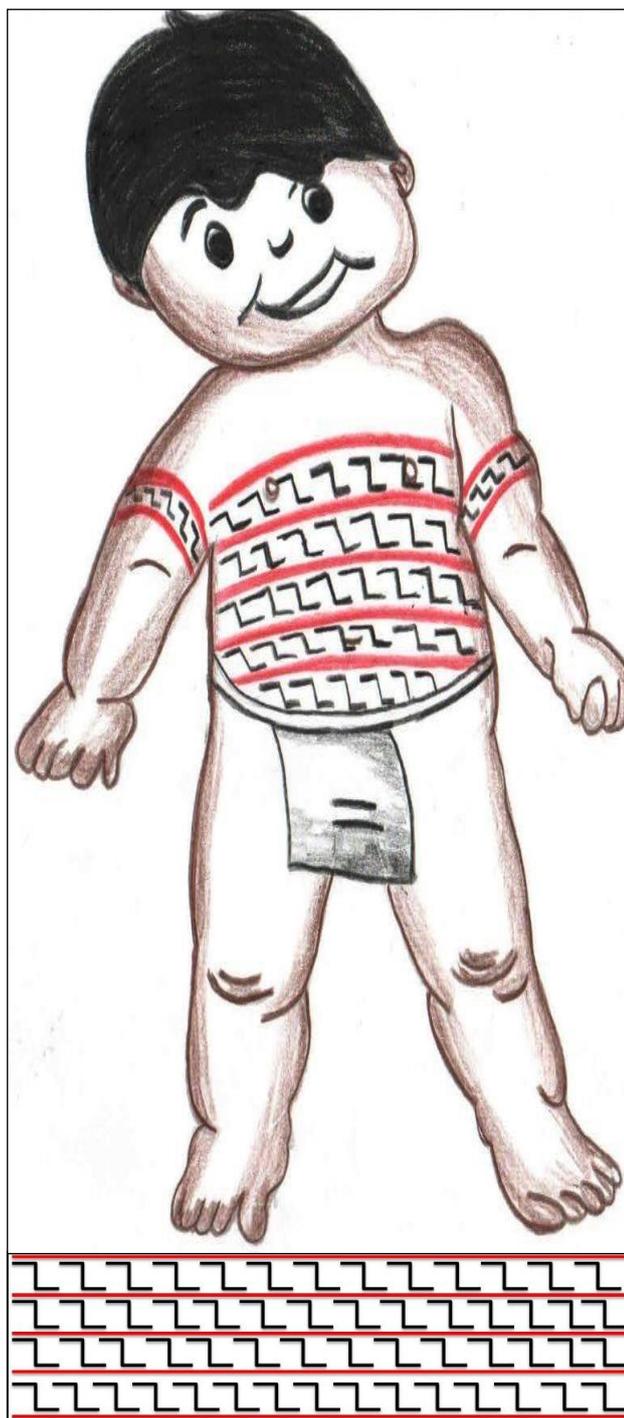


Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.16 Pintura de cobra de cajueiro - (ṭwĩjupá Tãpjaxi)

Esta pintura é feita de cor preta e vermelha, da mesma cor da cobra de cajueiro e é somente para rapazes e homens. Os anciões *Manoki* viam esta cobra como alimento, por isso, comiam a cobra e dizem que a cobra não morre, logo, alimentando-se dela não morreriam tão cedo. Explicam ainda que é por isso que viviam tanto tempo e nos dias atuais não chegam à idade que chegavam antes.

Figura 16 – Pintura de Cobra de Cajueiro



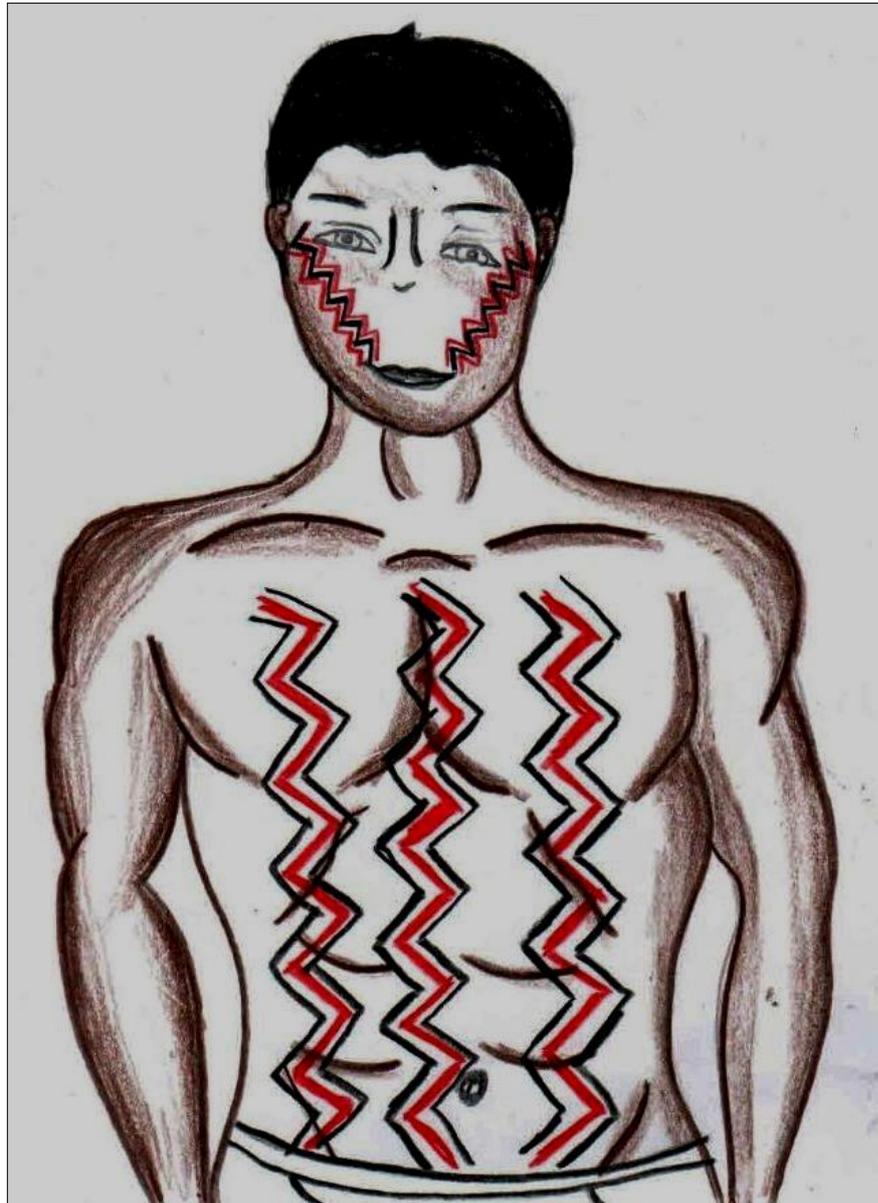
Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.17 Pintura de cobra jararaca – (*Kjākalihpjali ipjali*)

Pintura masculina usada nas festas tradicionais e apresentações culturais relacionado ao Povo. É uma pintura feita de acordo com as cores e formato dos desenhos da cobra jararaca, perguntado ao Manoel Kanuxi sobre o uso e significado da pintura ele disse que

muitas pinturas surgem á partir da observação da natureza, dos animais enfim, desse tipo pode sempre inovar as pinturas usando sua criatividade.

Figura 17 – Pintura de cobra jararaca



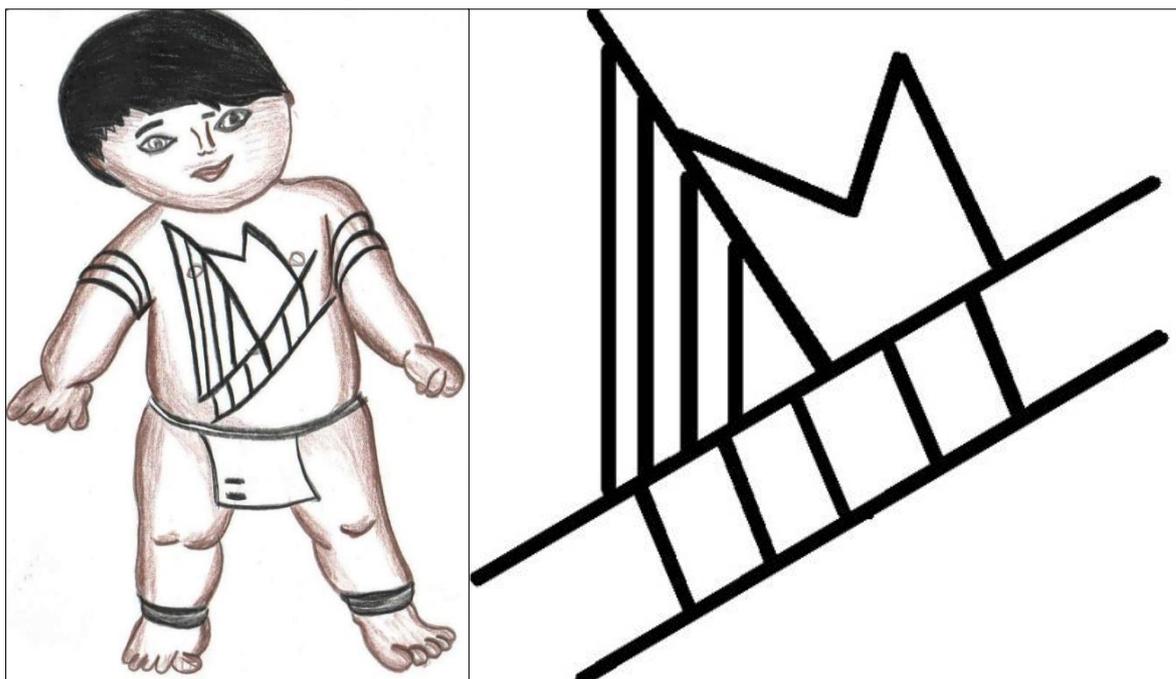
Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.18 Pintura de tamanduá mirim - (Waliwihpja ãpjaky)

Somente os homens se pintam de tamanduá mirim para participar de festas tradicionais, usar na dança dos cantos dos animais e também para fazer coletas de frutas.

Os jovens jamais podiam se alimentar deste animal, se algum jovem se alimentar deste animal pode dormir muito, dá dor de cabeça, sente muito sono e envelhece logo, só os anciões podiam comer.

Figura 18 – Pintura de Tamanduá Mirim



Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.19 Pintura de cesto - (Pyrimijã tãpjaxi)

Esta pintura serve para homens, mulheres, crianças e jovens, e é feita a partir da observação das tranças dos cestos feitos pelo povo *Irantxe/ Manoki* para carregar alimentos da roça e buscar lenha, pode ser usada no uso diário e em festas tradicionais como em rituais sagrados do povo.

Figura 19 – Pintura de cesto



Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.20 Pintura da oca (Inĩmija tãpjaxi)

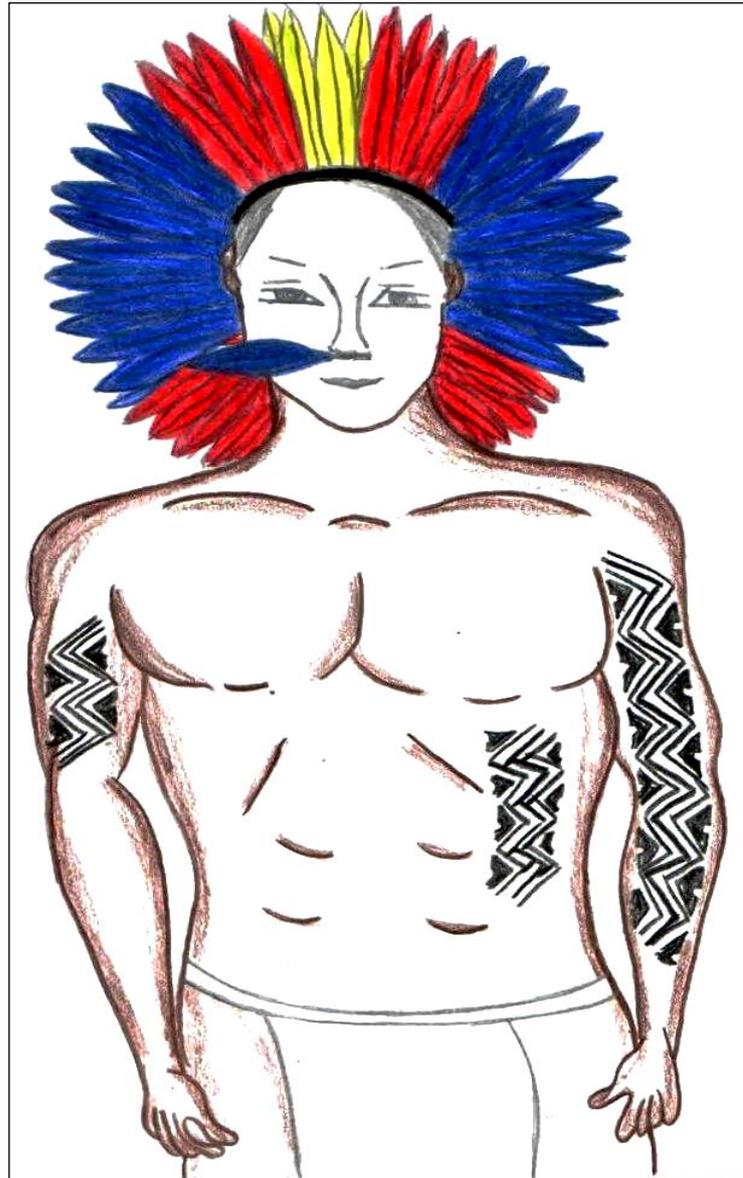
Esta pintura serve para todos usarem e pode pintar as costas. Os *Manoki* não têm o hábito e nem pintam as costas, segundo a cultura.

Nessa nova geração, surgiu esta pintura a partir do meio de observação da casa tradicional *Manoki* que é de suma importância para o laço familiar e manutenção do ritual sagrado.

Quando está acontecendo o ritual de batizado citado anteriormente, as mulheres, crianças e os meninos que não foram batizados escondem em uma só casa tradicional, porque o *yetá* está chegando da roça e vai passar no pátio da Aldeia.

As mulheres já deixam preparada a chicha que será oferecida pelos homens aos espíritos que depois vão para sua casa afastada da aldeia para que as mulheres que ficaram escondidas saiam. Durante a noite, o ritual continua e as mulheres devem dormir nesta casa para a noite conversar com os *yetá*.

Figura 20 – Pintura da oca



Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/2016

2.2.21 Pintura do porco (Mojama Tãpjaxi)

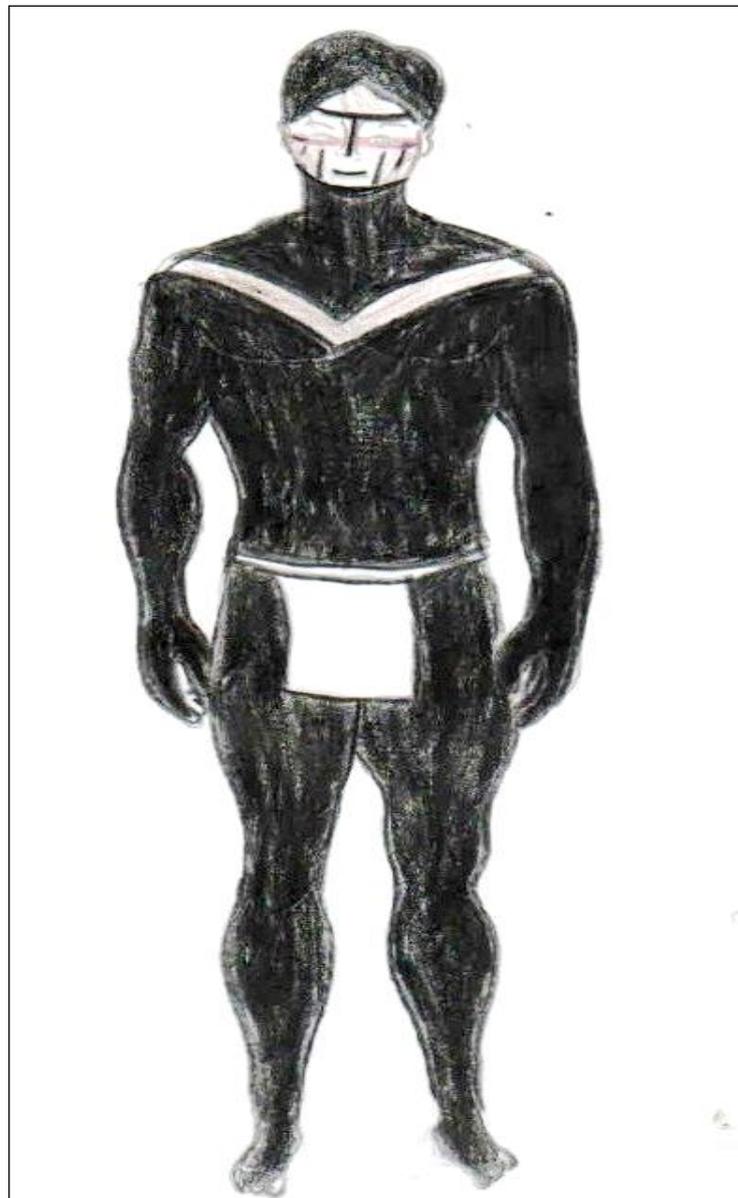
A pintura do porco nasceu de um processo de observação e criatividade dos jovens do povo *Manoki*. Começaram a observar que existia um canto de porco que os mais velhos os ensinava a cantar, daí começaram a se pintar todo de preto, deixando uma faixa sem pintar que desce do ombro esquerdo e direito e se encontra no centro do peito, simbolizando a cor branca que o porco do mato tem.

Desta forma, todas as vezes que cantam a música do porco e depois imitam a batida dos seus dentes se pintam desta maneira para ficarem mais caracterizados. Para os *Manoki*,

todos os animais têm um dono que cuida deles, por esse motivo, não deve matar muito e ficar apenas baleando os animais. Um dos animais mais temidos é o porco do mato, sempre que alguém mata deve repartir para todos ou oferecer ao *yetá*, não pode balear porque ele pode se vingar ou o raio pode cair em você.

De acordo com o cacique Manoel Kanuxi, o porco é dono do raio, ele sempre está no meio do raio, quando cai muito raio é porque o porco está perto daquele lugar. Ele nos contou que na aldeia teve uma família em que o raio caiu em cima da sua casa e não matou ninguém, estava o marido, esposa e seu filho. Deve ser por conta de balear o porco ou matar muito e não oferecer, complementou o senhor Manoel Kanuxi.

Figura 21 – Pintura de porco do mato



Fonte: João Paulo Kayoli – Fev/ 2016

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa visa envolver a escola na busca dos conhecimentos e valores do povo, possibilitando aos professores indígenas uma visão de mundo voltado para a manutenção da cultura, despertando o interesse para novas pesquisas. As pinturas corporais também são para os *Manoki* uma questão estética, os artesanatos, as pinturas nos corpos das pessoas caracterizam, “está bonita”, dessa forma, os mais velhos dizem que procuravam sempre caracterizar melhor que outro para encantar as moças.

Diante do trabalho de publicação do Pibid (Programa Institucional de bolsa de Iniciação a docência) com o tema “Catálogo da cultura do povo *Irantxe/Manoki* – Pinturas corporais e artesanatos”, eu consegui perceber o diálogo e o uso desta cartilha pelos jovens, onde passam a ter conhecimento das pinturas e começam a desenhar em seus corpos.

Vale ressaltar que a escola trabalha muito nas aulas a importância da cultura do povo *Manoki*, fazendo um resgate cultural. A preocupação é tanta que os jovens, por meio da tecnologia, usam o celular como aliado para o resgate da língua materna, gravam áudio ouvindo um ancião falando, mensagem de texto, vídeos e depois falam entre si. Quando esquecem algo, olham no celular e, desta forma, pretendem a voltar a falar o idioma tradicional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NEVES, André Luiz Lopes. Título: **O vídeo como ibirapema**. A apropriação dos recursos audiovisuais pelos Manoki e seus discursos sobre a história. Dissertação de mestrado/USP 2014.

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/iranxe-manoki/1321> Rinaldo S.V. Arruda. *Acessado em 31 de julho de 2015, às 10h23min.*

CONSULTORES NATIVOS

Alonso Irawali 93 Anos – Aldeia Alia do Paredão

Bartolomeu Warakuxi - 44 anos – Aldeia Alia do Paredão

Inácio Kajoli 96anos “Vô Inácio” – Aldeia Cravari.

Manoel Kanuxi 63 anos – Celso Xinuxi 69 anos – Aldeia Cravari.

Maria Angélica Kamuntsi 96 anos “Vó Angélica” – Aldeia Cravari.